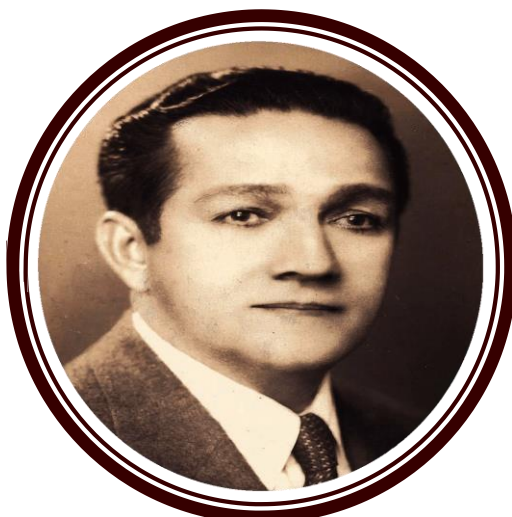




Eleyson Cardoso

1892 - 1985

Habib Fraiha Neto
Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Eleyson Cardoso nasceu em Aracaju, Sergipe, aos 14 de junho de 1892, filho de Brício Cardoso, de tradicional família nordestina, e de sua esposa Mirena (BRITTO, 1991). Consta que aprendeu a ler sozinho, aos seis anos de idade. Estudou no Lyceu Sergipense, depois no Lyceu Cearense, onde concluiu o Curso de Bacharel em Ciências e Letras. Matriculou-se depois na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a mesma de Gaspar Vianna, Gastão Vieira e Acylino de Leão, mas durante dois anos do curso superior foi aluno da Faculdade de Medicina da Bahia, retornando em seguida para concluí-lo onde havia iniciado, em março de 1917, após defender tese sobre “Assistência Pública no Rio de Janeiro” (MEIRA, 1986, p. 263).

Depois da formatura foi designado Inspetor Sanitário Marítimo. Nessa condição participou da 1ª Guerra Mundial como médico de bordo do vapor brasileiro de guerra *Santarém*, armado com dois canhões operados por artilheiros franceses nas zonas de beligerância da África, da Europa e das Américas. Serviu além disso a bordo do *Benevente*, igualmente equipado com dois canhões, guarnecidos por artilheiros brasileiros (MEIRA, 1986, p. 264).

Em 1920 foi nomeado médico do navio escola de pilotos da Marinha Mercante *Wenceslau Braz*, designado a lecionar a Cadeira de Higiene (BRITTO, 1991, p. 53).

No ano seguinte serviu no Rio de Janeiro como veterinário do Ministério da Agricultura na Fiscalização do Leite e Derivados.

Em 1923 transferiu-se para Sergipe, a fim de assumir a chefia de Distrito no Serviço de Saneamento Rural. Iniciava, assim, discretamente, seu trânsito pela gestão de serviços de saúde pública, para a qual logo revelaria especial talento. Já no ano seguinte assumia a responsabilidade global de várias ações, no momento em que o Governo do Estado decidia confiar ao Serviço de Profilaxia Rural os encargos de competência da Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública, que até então não haviam correspondido.



O Dr. Eleyson Cardoso, ainda jovem.

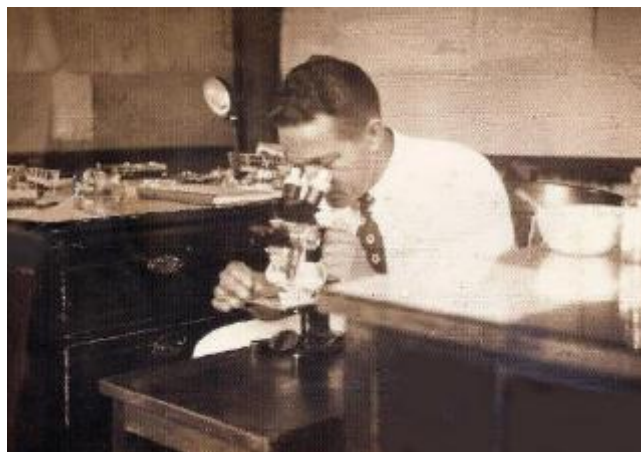
Reestruturou, então, em novas bases o Serviço Sanitário do Estado, antes mesmo da chegada a Sergipe do primeiro Chefe do Serviço de Profilaxia Rural. Transferiu para o município os serviços de socorro de urgência da capital; transferiu os serviços de assistência aos falecidos para a Polícia Civil do Estado; intensificou a profilaxia das doenças transmissíveis; criou um laboratório de pesquisas e análises clínicas e preparo de vacinas (antivariólica e antirrábica), ideia que o Governo do Estado resolveria ampliar para fundar o Instituto Parreiras Horta; instituiu no Cemitério Santa Izabel, em Aracaju, o serviço de verificação de óbitos sem assistência médica, mesmo que ainda na ausência de um laboratório de Anatomia Patológica; criou formulários impressos para Atestado de Óbito, segundo modelo adotado pelo Departamento Nacional de Saúde; introduziu os sais de antimônio no tratamento da esquistossomose mansônica, em substituição ao óleo essencial de quenopódio, suscitando reações que se transformaram em caso político de hostilidade ao Governo estadual; instituiu o Serviço Materno-Infantil que deu origem ao Abrigo Maternal, semente da grande Maternidade de Aracaju construída anos depois.

Impossível não atrair atenções. E já em 1925 foi designado Inspetor Chefe de Distrito no Serviço de Saneamento Rural do Estado do Rio de Janeiro. Dois anos depois ingressaria no Departamento Nacional de Saúde, como Sub-Inspetor de Saúde dos Portos, cargo de provimento efetivo, após concurso de provas e títulos em que se classificou em primeiro lugar. Do Rio de Janeiro foi a Pernambuco, no exercício de idêntica função.

Ali recebe convite da Fundação Rockefeller para participar das campanhas contra a febre amarela e a malária, resultantes de acordo de cooperação firmado com o Governo Brasileiro. Sua participação nessas ações, entre os anos de 1929 e 1940 lhe propiciará dois grandes feitos muito honrosos, que o consagrarão como um dos maiores nomes do sanitarismo no Brasil, ao lado de Oswaldo Cruz, Barros Barreto, Cardoso Fontes, Emílio Ribas, Carlos Chagas, Souza Araújo e Belisário Penna.

O primeiro deles foi a brilhante descoberta da febre amarela silvestre. Em março de 1932 Dr. Eleyson era o Diretor da Divisão Epidemiológica do Vale do Chanaan, com sede em Barracão de Petrópolis, no Estado do Espírito Santo. Até então, toda a história do combate à febre amarela entre nós, após a liderança de Oswaldo Cruz, girava em torno do mosquito considerado o grande transmissor do vírus amarílico: o *Stegomyia fasciata*, mais tarde aqui também denominado *Aedes aegypti*. Não se sabia de outra forma de contrair febre amarela senão aquela transmitida nas cidades pelo mosquito rajado. Era a febre amarela urbana, alvo de campanhas memoráveis do grande Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e em Belém do Pará. Pois bem, Dr. Eleyson observou e registrou a ocorrência de transmissão da febre amarela sem a presença de *Aedes aegypti*, caracterizando aquilo que hoje conhecemos como a febre amarela silvestre, transmitida por outras espécies vetoras, de hábitos restritos ao ambiente das matas.

O achado foi comunicado oficialmente por SOPER, PENNA, CARDOSO, SERAFIM JR. e PINHEIRO em artigo científico publicado em novembro de 1933 no periódico internacional *American Journal of Hygiene*. Anos depois, em noite memorável promovida pela Fundação Rockefeller no Hotel Grão-Pará, na capital do Estado, na presença de cientistas do *Belém Virus Laboratory* e de outros pesquisadores do Instituto Evandro Chagas, nosso herói foi consagrado por Jorge Boshell, que o apontava como “o verdadeiro descobridor da febre amarela silvestre”, hoje assim amplamente reconhecido.



Dr. Eleyson examinando ao microscópio.

Teve também destacada atuação na vitoriosa campanha da Malária do Nordeste, depois de constatada a introdução do *Anopheles gambiae* no Brasil, terrível espécie africana de mosquito considerada o mais eficiente e perigoso dos vetores mundiais do paludismo, cuja presença entre nós havia sido

detectada em Natal (RN) no ano de 1930 por Raymond Corbett Shannon, entomologista da Divisão de Saúde Internacional (DSI) da Fundação Rockefeller, a serviço do acordo de cooperação firmado com o Governo Getúlio Vargas (MAGALHÃES, 2021).

O mosquito fora presumivelmente aqui introduzido trazido em aviões franceses que desde 1929 faziam a cada 4 dias a rota postal França-Natal, via Dakar no Senegal, conduzindo com presteza malas aéreas da Europa para o Brasil. Sua presença aqui havia sido inicialmente de certo modo subestimada pelas autoridades sanitárias brasileiras, bem mais preocupadas em prevenir o retorno do fantasma da febre amarela. A consequência haveria de ser a ocorrência no Nordeste brasileiro, em 1938, da maior de todas as epidemias de malária já registradas nas Américas (MAGALHÃES, 2021), pois de Natal o vetor africano se alastrara, silenciosamente, pelos Estados do Rio Grande do Norte e Ceará, perfeitamente adaptado às condições climáticas da região, responsabilizando-se por tal incremento da transmissão do paludismo, que em certas localidades chegou a dizimar a população de idosos e crianças (MEIRA, 1986, p. 262).

Essa campanha contra o *Anopheles gambiae* no Nordeste brasileiro constitui um dos momentos mais gloriosos da Saúde Pública em nosso país, logrando erradicar por completo sua presença no território nacional em 1940 (MEIRA, 1986, p. 262; LOPES, 2020).

Embora não encontremos nos textos da lavra de grandes historiadores da campanha contra o *Anopheles gambiae* no Nordeste brasileiro qualquer referência a Eleyson Cardoso, Luís da Câmara Cascudo, ilustre jornalista norte-rio-grandense, apreciado cronista, historiador, sociólogo e folclorista, fez publicar no jornal oficial do Governo potiguar “A República”, em sua edição de 8 de outubro de 1940, valioso depoimento, mais tarde parcialmente transcrito no texto biográfico de Eleyson Cardoso de autoria de Clóvis Meira (1986, p. 262-263). Eis o que registrou o famoso escritor, do alto de sua credibilidade, sobre a atuação de Eleyson Cardoso na Campanha contra a Malária no Nordeste:

“O Dr. Eleyson Cardoso comandou um exército de mais de 1.200 homens, gastando cerca de 2.000 contos. A munição, em 1939, chegou a 4 milhões de comprimidos de quinina e atebrina, deflagrados contra o *Gambiae* na pessoa de suas vítimas... O verde-Paris cobria as águas. Criou-se mesmo uma brigada típica, os famosos “T.V.P.” (Trabalhadores Verde-Paris) que já estão vivendo no ritmo das emboladas sertanejas. Para afastar o prejuízo dos julgamentos populares contra o verde-Paris, julgado veneno mesmo em sua dosagem de 1%, os Drs. Barber e Cardoso beberam, à vista do público, verde-Paris em doses cinco vezes mais elevadas”.

Segundo Clóvis Meira, a crônica de Câmara Cascudo mereceria ser transcrita na íntegra, tal a beleza dos lances nela narrados. E, bastaria isto para consagrar Eleyson como sanitarista.

Esta é uma faceta muito importante dos méritos de nosso biografado. Por outro lado, sua carreira foi notavelmente marcada por uma extraordinária sucessão de cargos públicos na gestão de serviços de saúde. Parece-me dispensável aqui reproduzi-la na íntegra, já que tudo se encontra disponível no

volume 2 de nossos Anais, publicado em 1991 e também constante deste *site* da Academia. Limitar-me-ei aqui a ressaltar o que me parece ser apenas o indispensável.

Rubens da Silveira Britto, autor do meticuloso texto biográfico acima referido, havia trabalhado ao lado de Eleyson em pelo menos quatro importantes momentos de sua vida pública: na Delegacia Federal de Saúde da 3ª Região, em Belém, no Conselho Estadual de Saúde do Pará, no Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP) e na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Publicou com ele alguns trabalhos importantes em parceria, como por exemplo o “Obituário da pandemia de influenza de 1918-1920 em Belém”, “Marcos e mortes em Belém da Gripe Espanhola” e, finalmente, o festejado livro sobre “A febre amarela no Pará” (BRITTO; CARDOSO, 1973).

Dentre os cargos públicos mais relevantes por ele exercidos, devo destacar ainda que Eleyson Cardoso foi Delegado Federal de Saúde da 4ª Região, com sede em Fortaleza. Depois, por duas vezes, Delegado Federal de Saúde da 3ª Região, com sede em Belém do Pará. E Delegado Federal de Saúde da 6ª Região, com sede em Salvador. Em seu segundo mandato nessa função em Belém, permaneceu durante mais de dez anos, de 1949 a março de 1961.

Em 1964 foi nomeado Secretário de Estado de Saúde Pública do Pará.

No ocaso de sua vida pública foi designado Médico Sanitarista da SUDAM, função exercida até 30 de setembro de 1976 quando teve seu contrato rescindido por limite de idade (BRITTO, 1991, p. 57).

Eleyson viera ao Pará após profícua jornada a serviço da Medicina e da Saúde Pública em outras Unidades da Federação. Aqui se radicou definitivamente ao contrair núpcias com Maria Helena Coelho Cardoso, considerada a maior cantora lírica paraense de todos os tempos, filha do Governador João Coelho e da *Prima Dona* de uma Companhia lírica espanhola que aqui veio apresentar-se em nossa casa de óperas, o famoso Theatro da Paz.



Maria Helena Coelho Cardoso,
sua musa inspiradora.

Era, além disso, um homem do mais fino trato, autêntico *gentleman*, respeitadíssimo gestor de serviços de saúde, de extraordinária competência, amplamente reconhecida.

Mereceu receber aqui a mais alta distinção do Governo do Estado, a Ordem do Mérito Grão-Pará no grau de Grande Oficial, outorgada pelo Governador Clóvis Silva de Moraes Rêgo. Foi proclamado, com muita propriedade, por Clóvis Meira, como verdadeiro “apóstolo da Saúde Pública”.

Por tudo isso, e muito mais, após o seu falecimento em fevereiro de 1985 foi distinguido com a escolha de seu nome para Patrono de uma das Cadeiras do nosso silogeu, a de número 18, cujo primeiro ocupante foi seu grande companheiro de longas jornadas Rubens da Silveira Britto, nela sucedido após a morte pelo acadêmico Edson Yuzur Yasojima, atual ocupante.



Eleyson Cardoso



Patrono da Cadeira nº 18

Referências

BRITTO, R. S. Eleyson Cardoso, sanitarista de mérito. **Anais da Academia de Medicina do Pará**, v. 2, p. 51-63, 1991.

BRITTO, R. da S.; CARDOSO, E. **A febre amarela no Pará**. Belém: SUDAM, 1973. 230 p.

LOPES, G. O feroz mosquito africano no Brasil. O *Anopheles gambiae* entre o silêncio e a sua erradicação (1930-1940). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

MAGALHÃES, R. C. S. Um experimento de erradicação do *Anopheles gambiae* no Brasil, 1930-1940. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 28, n, 1, p. 325-327, 2021.

MEIRA, Clóvis Olintho de Bastos. Eleyson Cardoso (1892-1985). In: **Médicos de outrora no Pará**. Belém: Grafisa, 1986. 479 p. [p. 261-266].

SOPER, F. L.; PENNA, H.; CARDOSO, E.; SERAFIM JR, J.; FROBISHER JR, M. PINHEIRO, J. Yellow fever without *Aedes aegypti*. Study of a rural epidemic in the Valle do Chanaan, Espirito Santo, Brazil, 1932. **American Journal of Hygiene**, v. 18, p. 555-587, 1933.

SOPER, F. L.; WILSON, D. B. *Anopheles gambiae* no Brasil; 1930 a 1940. In: GOES DE PAULA, S. (org.). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 28, n, 1, p. 325-327, 2021.

